

## **O QUE NOS SEPARA? E SILUETAS A LA CALLE: ENCARCERAMENTO FEMININO E ESFERA PÚBLICA<sup>1</sup>**

Vânia Medeiros<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe um diálogo entre a ação *Siluetas a la Calle*, realizada pelo coletivo chileno Pájarxs entre púas em prisões de mulheres na região de Valparaíso, Chile, e o painel *O que nos separa?*, desenvolvido pelo Projeto Mulheres Possíveis na Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo. No tecer desta conversação, buscarei analisar de que maneira os coletivos latino-americanos, operando através de ações culturais, ou seja, processos criativos de caráter artístico e pedagógico com profundo viés formativo, propõem levar a discussão sobre o encarceramento feminino à esfera pública nas comunidades onde se inserem, refletindo sobre os potentes imbricamentos entre arte e política que estes trabalhos apresentam.

**Palavras-chave:** Arte; Encarceramento feminino; Esfera pública; Ação cultural.

## **¿QUÉ NOS SEPARA? Y SILUETAS A LA CALLE: ENCARCELAMIENTO FEMENINO Y ESFERA PÚBLICA**

**Resumen:** Este texto propone un diálogo entre la acción *Siluetas a la Calle*, realizada por el colectivo chileno Pájarxs entre púas, en cárceles de mujeres de la región de Valparaíso, Chile, y el panel *O que nos separa?*, desarrollado por el proyecto Mulheres Possíveis en la Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo. En esta conversación, buscaré analizar cómo colectivos latinoamericanos, operando a través de acciones culturales, es decir, procesos creativos de carácter artístico y pedagógico con una profunda orientación formativa, proponen llevar al público la discusión sobre la encarcelación femenina en las comunidades donde se insertan, reflexionando sobre la poderosa superposición entre arte y política que presentan estas obras.

**Palabras llave:** Arte; Encarcelamiento femenino; Esfera pública; Acción cultural.

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão revisada e expandida de um texto originalmente apresentado no evento científico XVIII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura e publicado em seus anais em agosto de 2022, sob o título de *Corpo-Território: Arte e encarceramento feminino no espaço público*.

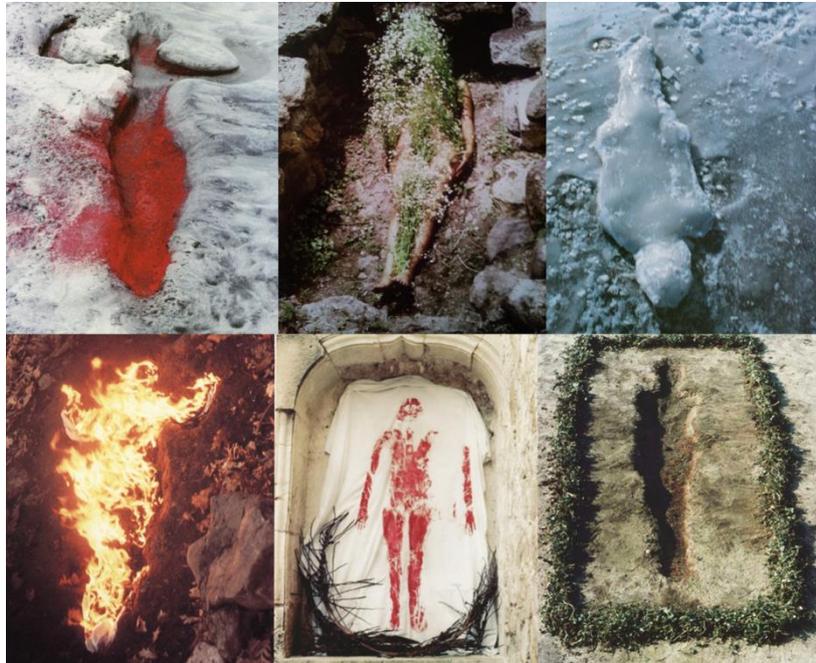
<sup>2</sup> Mestre e doutora em design pela FAU-USP. Pós-doutoranda em artes pela UERJ. Membro do grupo de pesquisa Motim – Mito, rito e cartografias feministas nas artes. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2467395476705784>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7102-1023>. E-mail: [vanymedeiros@gmail.com](mailto:vanymedeiros@gmail.com).

## Introdução

Neste texto, proponho um diálogo entre dois projetos artísticos que buscam levar o debate sobre o encarceramento feminino para o espaço público através de proposições poéticas desenvolvidas em colaboração com mulheres em situação de cárcere. São elas a ação *Siluetas a la Calle*, do coletivo chileno Pájarxs entre púas e o painel *O que nos separa?*, do Projeto Mulheres Possíveis, em São Paulo.<sup>3</sup> Como ponto de partida para esta análise, buscarei traçar pontos de encontro entre estes trabalhos e a *Siluetas Series*, da artista cubana Ana Mendieta, realizada entre os anos 1973 e 1980. Estabeleço tal conversação por acreditar que esta ajuda a aprofundar o entendimento das propostas realizadas com mulheres presas, tanto do ponto de vista poético quanto político. No tecer da análise, será investigado de que maneira os coletivos latino-americanos, operando através de ações culturais, propõem uma ampliação da discussão sobre o encarceramento feminino no espaço público, entendendo-o a partir de sua dimensão enquanto "espaço de aparição" (DEUTSCHE, 2009). Do mesmo modo, buscarei observar as implicações das ações analisadas na "partilha do sensível" (RANCIÈRE, 2009) em torno do aprisionamento de mulheres no contexto das comunidades onde se inserem.

---

<sup>3</sup> Os coletivos não se conheciam mutuamente até a participação de ambos no "Conversatorio Arte y pedagogía en contextos de privación de libertad", promovido pela Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE), em 3/11/2020, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=rBU6cfocLuA>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

**Mendieta: anti-retratos**Figura 1: Ana Mendieta, *Siluetas Series* (1973 – 1980)

Fonte: <http://www.sleek-mag.com>

Dentre o conjunto de trabalhos de Ana Mendieta, a *Siluetas Series* é o que mais explicitamente expressa a poética da desconexão causada pela experiência da diáspora vivida pela artista, decorrente do afastamento forçado de sua terra natal. Em suas palavras: "Because I have no motherland, I feel I need to join with the earth, to return to her womb" (HARRINGTON, 1988, p.39).<sup>4</sup> Em comentário sobre os anos que viveu em um orfanato - quando de sua chegada de Cuba aos EUA - sozinha com sua irmã, ela afirma que, a esse tempo, já havia entendido que "sua escolha de vida seria ser artista ou criminosa" (CAMNITZER, 2008, p.47). Tal fala expressa o sentido de despertencimento latente que revela desde cedo sua vocação e identificação deliberada enquanto estrangeira diante da ordem de coisas que a circundava.

Por serem cavadas na terra, podemos identificar as *Siluetas* de Mendieta - acompanhando a "taxonomia das linhas" proposta por Tim Ingold (2007, p.43) - como de natureza "reduativa", ou seja, são formadas a partir da remoção de material da

<sup>4</sup> "Porque não tenho pátria, sinto que preciso unir-me à terra, voltar ao seu ventre", tradução minha.

superfície. Uma vez desenhadas, as *Siluetas* circunscrevem pequenos territórios, adquirem vida própria e, em muitos casos, passam literalmente a "brotar", se modificando de forma imprevisível.

Em princípio, os desenhos parecem apontar para a produção de autorretratos, entretanto, a partir da incidência do tempo, estes têm sua forma desfeita, se tornando algo como "anti-retratos" (GORJON, 2007). O desenho do corpo promove a abertura de espaços preenchidos, mas não com sua própria identidade. O que, num primeiro momento, se assemelha a um preenchimento trata-se, na verdade, de um esvaziamento, na medida em que recria um corpo e uma história construindo um ser para além daquele que lhe serviu de "molde".

As *Siluetas* de Mendieta fazem o "eu" individualizado desaparecer e promovem uma "rachadura em sua identidade rigidamente demarcada - de mulher, cubana, estrangeira" (GORJON, 2007), a partir de seu "desfazimento" no tempo, submetidas que são a diferentes ações da natureza.

### **Mulheres possíveis e Pájarx entre púas: silhuetas desenhadas no cárcere**

Não cabe a este artigo descrever amplamente e em detalhe os trabalhos artístico-pedagógicos dos projetos Pájarx entre púas e Mulheres Possíveis, ambos iniciados em 2016 e atualmente em curso, porém, apresento um panorama geral de cada projeto para situar o contexto das ações analisadas. Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento é realizado em colaboração com mulheres em situação de cárcere, egressas, artistas - dentre as quais a autora deste artigo - e pesquisadoras na cidade de São Paulo. As proposições criativas se dão em diversas linguagens - teatro, performance, música, escrita, desenho - tendo o corpo sempre como o centro das investigações e experiências. O programa se compõe de ações presenciais internas, que até o momento se desenvolveram na Penitenciária Feminina da Capital (PFC), associadas a ações públicas, externas. Uma das principais frentes de trabalho do projeto é a elaboração de publicações impressas distribuídas dentro e fora das instituições carcerárias. Pájarx entre púas, por sua vez, define-se como uma "coletiva interdisciplinar anti-carcerária" que, nos últimos anos, se transformou também em

fundação. O grupo realiza trabalhos em prisões e no espaço público, buscando articular práticas pedagógicas que promovem investigações de corpo, arte e memória. Para além dos projetos realizados dentro das unidades carcerárias, o coletivo opera por meio da construção de redes de apoio fora dos muros, que chamam de "comunidad sorora" com egressas e ativistas, buscando criar uma comunidade que discute e imagina um mundo sem prisões.<sup>5</sup>

Em ambos os projetos, as ações internas nas penitenciárias femininas se estruturam na forma de oficinas artísticas, por meio do que chamam de laboratórios. Como afirmam Anastasiou e Alves (2012, p.103), a oficina caracteriza-se como uma modalidade do fazer pedagógico em que o território de construção e reconstrução do conhecimento se conforma mediante a criação de um espaço de trocas que se pretendem o mais horizontais possíveis. Pode-se lançar mão de inúmeros recursos disparadores destas trocas como músicas, textos, observações diretas, pesquisas de campo, práticas corporais etc. e a mobilização de cada participante afeta diretamente todo o plano coletivo. O desígnio das ações é sempre a complementaridade, nunca a competitividade. A partilha, momento de falar e mostrar, funciona como um aglutinante que conecta as partes e faz ver os pontos de amarração entre elas. É, também, próprio desse formato a materialização das produções ao final das atividades, aspecto que, no contexto de ambos os projetos, gerou mostras abertas e exposições internas e externas às unidades prisionais em diversos formatos.

Em entrevista concedida para a elaboração deste artigo, Myrian Chavez, fundadora do Pájarxs entre púas, afirma que, assim como no Projeto Mulheres Possíveis, o uso do termo *laboratório* enfatiza o caráter de investigação e experimentação presente nas oficinas que realizam com mulheres presas. Estas, ao mesmo passo em que possuem um caráter de constante pesquisa de linguagens artísticas, coletam dados e acumulam conhecimentos sobre a população carcerária feminina em seus países, de diferentes maneiras. Deste modo, as oficinas artísticas em ambos os trabalhos se distinguem de processos desenvolvidos a partir de fórmulas

---

<sup>5</sup> As informações relativas ao projeto Pajarxs entre Púas foram auferidas no site da coletiva (<http://pajarxentrepuas.cl/>); no "Conversatorio Arte y pedagogía en contextos de privación de libertad", promovido pela Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE) e em entrevista com Myrian Chavez, fundadora do projeto, concedida à autora deste artigo por videoconferência no dia 22/03/2022.

e metodologias prontas, se mantendo constantemente em estado de busca por novas formas de expressão e sistematização.

Através das ações *Siluetas a la calle* e *O que nos separa?*, os coletivos chileno e brasileiro, respectivamente, propõem o preenchimento das áreas demarcadas pelo corpo sobre papel com frases e palavras proferidas em primeira pessoa, com letras que nomeiam, identificam, situam. Não são imagens genéricas e sim zonas de pertencimento circunscritas por meio do desenho. Deste modo, as silhuetas das mulheres presas fabulam a devolução de uma existência afirmativa a estes corpos, movimento que se dá em sentido oposto ao tempo-espço do cárcere, onde lhes é imposta uma identidade fraturada, por meio de um ambiente pleno de técnicas de apagamento subjetivo. Estas silhuetas, por sua vez, são compostas de linhas "aditivas" (INGOLD, 2007, p.43), ou seja, para que fossem inscritas, o material precisou formar uma camada extra, sobreposta à superfície. Deste modo, embora não cave a terra, o delineado das silhuetas das mulheres presas no chão abre, temporariamente, uma espécie de fresta, de entreabertura.

### O que nos separa?

Figura 2: Mulheres Possíveis, O que nos separa? (2016)



Fonte: Vânia Medeiros

Embora permeados de muitas semelhanças, cada trabalho apresentou particularidades em relação aos procedimentos desenvolvidos nos laboratórios para a produção das silhuetas. No contexto da Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo, elas foram repetidamente experimentadas por meio da seguinte dinâmica: em duplas, era proposto que uma desenhasse o contorno do corpo da outra sobre papel *kraft* e escrevesse palavras e frases que definissem a companheira após um tempo de conversa. Nos diferentes grupos, algumas se conheciam, outras não, uma vez que as internas são alocadas em diferentes pavilhões e possuem rotinas que não as permitem circular livremente pela unidade prisional. Neste formato, as silhuetas se mostraram como importantes "dispositivos de conversação" (ANASTASSAKIS; SZANIECKI, 2016) dentro do processo artístico-pedagógico. Isto se observou uma vez que a produção coletiva destas imagens provocou diálogos que as fizeram refletir e verbalizar, tanto em torno das próprias construções biográficas, quanto de aspectos que as unem socialmente como questões de gênero, raça e classe. Carla Akotirene destaca a importância da oralidade e do resgate das memórias pessoais na reabilitação das subjetividades das mulheres em situação de cárcere, "colaborando na dimensão política, dando significação aos discursos pessoais dessas mulheres e reconstruindo identidades femininas" (AKOTIRENE, 2020, p. 25). O gesto de desenhar umas às outras se olhando mutuamente e as narrativas que partiram destes traçados possibilitaram às mulheres reconhecerem-se através do falar, ouvir, do perceber o próprio corpo e o corpo da outra.

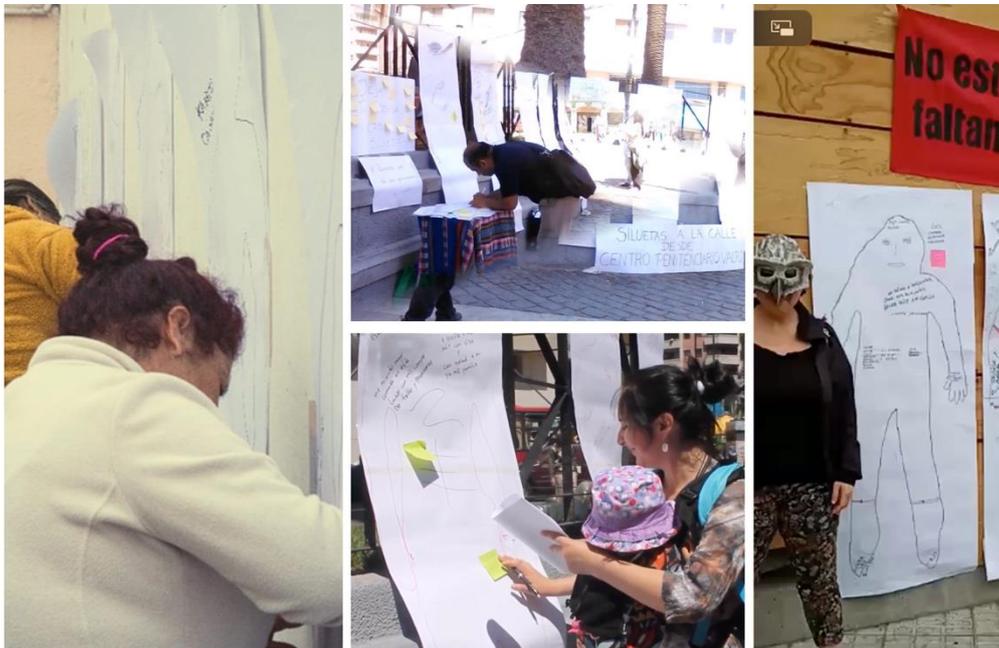
As silhuetas ganharam o espaço público, em 2018, a partir de um convite do Sesc Santana, apoiador do Mulheres Possíveis desde o início do projeto, na forma de um grande painel que compôs os vidros da fachada da instituição. É importante pontuar que sua sede se localiza nas imediações da unidade prisional e as propostas apoiadas, em muitos dos casos, são realizadas com o intuito de buscar estratégias para promover interações entre esta e o bairro de Santana. A PFC pode ser considerada como uma ilha isolada na região, parte de uma espécie de "arquipélago" composto de duas outras edificações prisionais, que se avizinham e que juntas, praticamente, não desenvolvem nenhuma relação com o entorno.

Foi dado ao projeto o título de "O que nos separa?", pois esta pergunta permeia todo o processo artístico-pedagógico do Mulheres Possíveis e conduz, em grande medida, as reflexões do grupo no fluxo entre o pessoal e o político. Para a produção destes desenhos, foi feito um encontro especial, focado na construção do painel. Participaram 14 mulheres, procedentes de vários países (Brasil, Colômbia, Venezuela, Guiné Conacri, Guiana Inglesa e Holanda). Compunham graficamente com as silhuetas, retratos desenhados, além das frases ditas por elas. Cada uma escreveu em seu próprio idioma.

Depois de traçadas sobre o *kraft*, as silhuetas passaram por um tratamento digital e foi proposto um projeto gráfico que trouxesse unidade ao conjunto de vidros que compunham o painel. Embora a versão final tenha sido impressa e partilhada com o grupo antes de ser executada, é importante observar que o desenvolvimento deste material não mitigou uma enorme lacuna que separa a produção manual em desenho do conhecimento sobre o tratamento digital da imagem, instrumento de poder acessível apenas para a designer. Aproximar as co-criadoras de maneira mais sistemática dos processos de produção gráfica digital, através de painéis explicativos, *workshops*, rodas de partilha – uma vez que o acesso a computadores não é permitido na instituição prisional – poderia representar um importante elemento formativo para as mulheres presas e ainda não foi alcançado pelo projeto.

### Siluetas a la calle

Figura 3: Pájarxs entre púas, Siluetas a la calle (2016)



Fonte: <https://pajarxentrepuas.cl>

No Chile, por sua vez, as oficinas se deram na Cárcel de Mujeres de Valparaíso, bem como em unidades prisionais de Quillota, San Antonio y Los Andes, na mesma região. As silhuetas foram expostas na Plaza de Armas em Quillota, local não muito próximo às unidades prisionais, uma vez que estas se encontram afastadas dos espaços urbanos.

Para descrever o processo criativo desta ação acredito ser importante reproduzir na íntegra a fala de Myriam Chavez - embora trate-se de um trecho longo - durante a entrevista que me foi concedida, pois ela expressa a complexidade pedagógica, poética e política da ação:

Quando as mulheres desenham as silhuetas entre elas, antes fazemos uma dinâmica de corpo. Depois elas conversam com essas silhuetas. Nessa conversa, fazem também um ato psicomágico de reconhecimento de si mesmas. Ali, elas se acarinham, se pedem desculpas, se dão beijos, começam a escrever coisas que têm a ver com sua biografia. Então essas silhuetas cheias de sua biografia, cheia de diversas questões colocadas como desenhos, cores, nomes de pessoas queridas vão à rua. Ali os transeuntes completam a experiência, problematizando o que as mesmas pessoas pensam

sobre aquelas que estão privadas de liberdade. Tendem a humanizar, tirá-las dos estereótipos, trazê-las para mais perto, escrevendo mensagens. Estas são sempre muito significativas, nunca são censuradas. Há muito poucas que dizem coisas mais duras, mas em geral são mensagens muito afetuosas de reconhecimento. Quando as silhuetas voltam para o cárcere, as companheiras problematizam o que elas mesmas entendem de sua identidade. Elas mesmas se colocam no lugar das delinquentes, criminosas, mães ruins, vestem o estigma. Assim, quando leem as mensagens, apreendem dimensões delas mesmas que, talvez, não tenham explorado muito, não tenham reconhecido.<sup>6</sup>

Observamos um movimento semelhante entre as ações dos dois coletivos no que diz respeito ao fluxo cárcere - espaço público, na medida em que, dentro dos muros, em colaboração com as mulheres presas, foram, em ambos os casos, produzidas as imagens que saíram à rua para compor a intervenção pública. As diferenças nos modos de endereçá-las publicamente, em cada projeto, entretanto, apontam para potencialidades distintas entre elas. No painel *O que nos separa?*, a força da ação pública constitui-se do fato de se tratar de uma intervenção de longa duração (mais de um mês) no mesmo bairro da unidade prisional e que independe da presença física das artistas para acontecer. Nesta, entretanto, não foi desenvolvido nenhum dispositivo de participação direta do público, portanto, não houve a instauração de um diálogo efetivo entre as mulheres presas e os passantes. Por sua vez, em *Siluetas a la Calle*, apesar da efemeridade da ação e da distância geográfica desta em relação às prisões, os transeuntes puderam, para além de observar e ler, interferir graficamente nos materiais por meio de suas mensagens escritas, que retornaram às mulheres encarceradas para que pudessem elaborar e desdobrar coletivamente essas reflexões. Isto instaura para uma troca pedagógica, poética e política mais abrangente entre a população carcerária e a comunidade. Sem embargo, o fato de se tratar de uma ação sem duração maior no tempo dificulta uma participação e reverberação mais ampla da discussão no espaço público.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Myriam Chavez para a elaboração deste artigo em 22 de março de 2022.

### Processos criativos e ação cultural: entrelaçamentos poético-políticos

Na medida em que participam de proposições artístico-pedagógicas como oficinas em diversos formatos, as mulheres presas - à revelia do projeto despotencializador do cárcere - se fortalecem subjetivamente e ampliam seu olhar crítico em torno das questões sociais e políticas profundamente implicadas no encarceramento feminino ao qual estão submetidas. Ao mesmo passo, produzem conhecimento e geram um potente arquivo de reflexões e imagens sobre o cárcere em seus territórios. Nesse sentido, parece oportuno localizar, tanto o projeto Mulheres Possíveis quanto o Pájaro entre púas dentro das discussões acerca da ação cultural, noção amplamente discutida por autores como Paulo Freire, Teixeira Coelho e Francis Jeanson (PUPO; VELOSO, 2022).

Ação cultural é um termo que se refere a processos ativos e partilhados de construção do saber e encontra-se - especialmente no Brasil - particularmente relevante atualmente por conta da necessidade de oferecimento de contrapartidas sociais por artistas de diferentes linguagens que se beneficiam de subvenções do poder público e/ou privado para o desenvolvimento de seus processos criativos. Como afirmam Veloso e Pupo (2022), trata-se de ações que não apenas aproximam as esferas da arte e da educação, mas permitem uma mútua e profunda interferência entre processos artísticos e pedagógicos. Para além da ideia do artista-educador como transmissor de um saber, são instituídos espaços de troca e compartilhamento de inquietações que mobilizam a todos os envolvidos. Em ambos os projetos analisados neste artigo o trabalho de oficinas criativas não é visto como contrapartida, é intrinsecamente constituinte do trabalho artístico em si, o que, como demonstram Veloso e Pupo (2022) acontece com outros projetos de ação cultural. Reconhece-se em ambos um nítido posicionamento político dentro do qual a busca pela autonomia das participantes ocupa lugar central nas pesquisas dos coletivos, não sendo meramente uma dimensão subordinada à pesquisa de arte. Acerca da dinâmicas em processos de ação cultural, Pupo e Veloso afirmam:

(...) no primeiro plano o que se enfatiza é o encontro, o diálogo, a confrontação e a troca de sentidos entre os participantes; a produção simbólica do grupo é ao mesmo tempo a fonte e o recurso básico da ação cultural e das ações mais diretamente artísticas que dela derivam (PUPO e VELOSO, 2019, p.7).

Trata-se, portanto, de ações que articulam práticas artísticas, pedagógicas e políticas de modo continuado, endereçadas a populações específicas e profundamente atreladas ao território no qual se inserem. No contexto do Mulheres Possíveis e do Pájarxs entre púas, as abordagens buscam fazer com que as mulheres em situação de cárcere participem do processo criativo de ações públicas de visibilização sobre o contexto das prisões por meio de seus relatos pessoais, ao mesmo passo em que possuem caráter profundamente formativo. Ambos os projetos endereçam sua construção artístico-pedagógica no sentido de fortalecer - tanto as mulheres presas, quanto as próprias artistas educadoras e, no limite, a comunidade em que se inserem - criticamente frente à discussão em torno do encarceramento feminino em massa.

### **Encarceramento feminino e esfera pública**

Rosalyn Deutsche, em texto que articula o pensamento de Hannah Arendt, Levinas, entre outros filósofos, discute a esfera pública como "espaço de aparição". Enquanto espaço do tornar visível, a esfera pública se configura quando grupos sociais declaram o direito de aparecer (DEUTSCHE, 2009, p.176). Esta funciona como uma via de mão dupla, ou seja, o espaço em que eu apareço para os outros se configura à medida que os outros aparecem para mim. Neste sentido, a dinâmica visível/ invisível é também a do sentido (palavra)/ sem-sentido (ruído), e a permissão daqueles que podem ou não ser vistos/ ouvidos define as competências necessárias para desfrutar e operar naquilo que dá forma à comunidade (PALLAMIN, 2010, p.9).

Na esteira desta reflexão, Deutsche aponta o campo das artes visuais como tendo um papel fundamental no aprofundamento e expansão da democracia. Neste sentido, artistas que querem aprofundar e estender a esfera pública, afirma a autora, têm uma tarefa dupla: "criar trabalhos que, um, ajudam aqueles que foram tornados

invisíveis a “fazer sua aparição” e, dois, desenvolvem a capacidade do espectador para a vida pública ao solicitar-lhe que responda a essa aparição, mais do que contra ela (DEUTSCHE, 2009, p.176).

Por meio de trabalhos que criam plataformas de visibilização para sujeitos e discursos, as práticas artísticas no espaço público operam inserções, no comum, da presença de sujeitos e objetos que até então, para determinada comunidade, não se faziam visíveis. A partir destas aparições, dá-se a perceber como “seres falantes, os que eram tidos como *animais ruidosos*” (PALLAMIN, 2010, p.7). Pallamin explica como a contundente expressão grifada acima, do filósofo Jacques Rancière, busca se referir àquelas e aqueles que têm sua fala rebaixada e sempre decodificada como mero barulho, sem significação e interesse para o campo do comum. Operar essas inserções, nos termos de Rancière, interfere necessariamente no âmbito da prática democrática, endereçando fissuras e rompimentos no “sistema de divisões e fronteiras que determina quais grupos sociais são visíveis e quais são invisíveis” (RANCIERE, 2009, p.16).

Expôr-se ao outro é o cerne da constituição da esfera pública e o direito de aparecer está no coração da vida democrática. Buscando identificar o lugar da arte enquanto potência capaz de estender e ampliar a o espaço de aparição, Deutsche questiona de que maneira a arte endereça os *tipos* de visão com as quais são encaradas socialmente a aparição dos outros. A arte pode estabelecer formas de ver que não buscam reduzir os sujeitos a meros conteúdos? Em suas palavras "Que *tipo* de visão pode superar a apatia e responder ao sofrimento dos outros? Em resumo, o que é a visão pública?" (DEUTSCHE, 2009, p.177). Intervenções artísticas no espaço urbano operam contribuindo no processamento dos regimes de sensibilidade e no "reconhecimento daqueles cuja lei estatal determina como inferiores e inaptos a participar da vida pública" (PALLAMIN, 2010, P.14), como é o caso da população carcerária. Deste modo, o processo democrático de ampliação da esfera pública implica reconfigurar - e a arte pública pode exercer um papel crucial neste âmbito - as distribuições do que é palavra e o que é ruído.

Pensando, a partir da leitura de Angela Davis, no contexto em que se inserem as mulheres presas, podemos observar que a instituição carcerária tem, justamente, uma dimensão de tirar os elementos inconvenientes do *campo de visão*:

A prisão funciona ideologicamente como um lugar abstrato no qual os indesejáveis são depositados, livrando-nos da responsabilidade de pensar sobre as verdadeiras questões que afligem estas comunidades das quais os prisioneiros são oriundos em números tão desproporcionais. Esse é o trabalho que a prisão realiza - ela nos livra da responsabilidade de nos envolver seriamente com problemas da nossa sociedade, especialmente com aqueles produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global (DAVIS, 2020, p.17).

Voltando ao pensamento de Deutsche, a autora aponta o fato da crítica feminista da representação analisar o sentido da visão, no campo das artes visuais, especialmente, como potencialmente "triumfalista". Ou seja, exibe-se a imagem do outro não como forma de acolher, mas no sentido de demonstrar uma conquista, no limite, transformando o outro em um "assunto", entidade presa em determinado estigma, fazendo-o desaparecer efetivamente *enquanto outro*. Em suas palavras, "orientada na direção do triunfalismo, mais do que da resposta, a visão pode, por exemplo, tomar a forma de alucinação negativa, na qual falhamos em ver algo que está presente, mas irreconhecível, algo cuja presença queremos ignorar" (DEUTSCHE, 2009, p.176). Com efeito, é possível observar a profusão de materiais artísticos "conteudistas" em relação a população carcerária no Brasil e fora dele, cuja ênfase é quase que exclusiva nas violências subjetivas vividas por essas pessoas. Nas palavras de Carrascosa (2015, p. 14), "só se pode falar onde não se pode viver. Autorizada está apenas a fala do quase morto, do sobrevivente, o seu 'testemunho', dispositivo que lhe constitui como gente, é o que lhe devolve a uma espécie de existência afirmativa". Na medida em que outros lugares expressivos são atravessados, é flagrante o desinteresse por fazer eco a essas vozes.

É na contracorrente deste tipo de produção que se inserem os trabalhos analisados neste artigo, na medida em que no âmbito destes, as produções das mulheres presas durante laboratórios de criação revelam também, para além do luto imposto pela tragédia do cárcere, técnicas de subjetivação que inventam escritas de si e "políticas de si" (CARRASCOSA, 2015, p.161) que, em ambos os projetos se dão a ver nestas narrativas elaboradas intimamente em cadernos, bem como partilhadas em conversas, desenhos, performances, nas circunstâncias mais constrictivas, expressando corpos pulsantes e desejos afirmativos. Tanto o Pájarxs entre púas,

quanto o Mulheres Possíveis, na medida em que propõem processos criativos colaborativos dentro do cárcere, promovem espaços nos quais as mulheres se criam - e, no limite, se co-criam - uma vez que abrem espaço para a autoexpressão, bem como para a escuta umas das outras, acessando memórias pessoais e partilhadas, mobilizando, ao mesmo tempo, desejos potencializadores. Suely Rolnik afirma que:

A reapropriação da pulsão depende de reapropriar-se igualmente da linguagem (verbal, visual, gestual, existencial etc.), o que implica em habitar a linguagem nos dois planos que a compõem: a expressão do sujeito e a do "fora-do-sujeito" que lhe dá movimento e a transforma. [...] Nesse processo de experimentação - em que se criam palavras, imagens, gestos, modos de existência, de sexualidade etc., os mundos ainda em estado larvar que se anunciam ao saber-do-vivo tornam-se sensíveis. (ROLNIK, 2018, p.132)

Vera Pallamin (2010) aponta que a relação entre arte pública e espaço urbano nunca é de justaposição, nem a inserção neste, de "objetos ilustrativos" de valores culturais. Deste modo, longe de serem maquiagem funcionalista, certas obras ou intervenções artísticas instauradas no urbano são iniciativas de consequências e efeitos complexos. Neste sentido, trazer silhuetas de mulheres presas para o espaço público propõe um diálogo com o transeunte que necessariamente abre uma brecha para uma confrontação deste com a questão do encarceramento.

Podemos observar, contudo, que estes trabalhos, ainda que demonstrem enorme potência, têm muito a avançar em suas pesquisas-ações na perspectiva da mão dupla, ou seja, em reverter estas reflexões sobre encarceramento e espaço público para as próprias mulheres encarceradas, ampliando ainda mais seu caráter formativo para as mulheres presas, e intensificando as pesquisas da direção de uma diminuição das assimetrias nas tomadas de decisão em relação às intervenções nos espaços públicos. Esta (auto-)crítica se faz relevante na medida em que se procura lançar sobre estes trabalhos um olhar que identifique suas potências para além de ações artísticas pontuais, mas nos termos da ação cultural de maneira radical. Como afirma Joëlle Zask: “[...] uma participação limitada ao engajamento dos participantes em uma empreitada cuja forma e natureza não tiverem sido previamente definidas por eles mesmos só pode ser uma forma ilusória de participação” (Zask, 2011, p. 9 apud PUPO; VELOSO, 2020, p.9). Deste modo, a produção acadêmica que busca

refletir de maneira abrangente sobre estes processos de criação visa contribuir com o adensamento destas práticas enquanto dispositivos de ampliação da democracia.

## Conclusão

Este artigo buscou tecer relações entre projetos desenvolvidos por dois coletivos latino-americanos que propõem levar a discussão sobre o encarceramento feminino aos espaços públicos às comunidades onde se inserem. O percurso da análise se abre por meio de um diálogo conceitual com a obra da artista Ana Mendieta, buscando refletir sobre as potências poéticas e políticas dos trabalhos. Em seguida, as semelhanças e particularidades nos processos artístico-pedagógicos do Pájarxs entre púas e do Mulheres Possíveis foram destacados, buscando compreender como se desenvolvem no fluxo oficinas criativas dentro das prisões até a rua.

Ambos os trabalhos são desenvolvidos de forma continuada, de modo que buscou-se identificá-las no contexto de ações culturais. Este termo se refere a processos de criação “voltados para a construção simbólica, a conquista da autonomia por parte dos cidadãos, a invenção de espaços de encontro, de debate e de reflexão sobre o mundo” (PUPO; VELOSO, 2022).

Por fim, foi analisada de que maneira as intervenções urbanas propostas por esses projetos contribuem para o debate sobre o encarceramento feminino e tem o potencial de alargar o espaço de aparição em contextos no qual à população carcerária não é dado direito a voz pública. Os trabalhos, portanto, apontam no sentido de criar brechas na partilha do sensível, através de processos estético-políticos em processo de construção.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando o bonde nas penitenciárias femininas**. São Paulo: Pólen, 2020.

ANASTASSAKIS, Zoy. SZANIECKI, Barbara. "Conversation dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach" in **Design Anthropological**

**Futures.** Smith, R.C; Otto, Ton; Vangkilde, K. T.; Halse, J.; Binder, T.; Kjaersgaard, M. G. (orgs). 2016

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Passate. **Processos de Ensino na Universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** Joinville: Editora Univille, 2015.

CAMNITZER, Luiz. Ana Mendieta. Em: **Third Text**, 3:7, 47-52, 1989.

CARRASCOSA, Denise. **Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor: Literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru.** Curitiba: Appris, 2015.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DEUTSCHE, Rosalyn. A arte de ser testemunha na esfera pública dos tempos de guerra. In: **Revista Concinnitas**, ano 10, volume 2, número 15, dezembro 2009.

GORJON, Melina Garcia. Costuras possíveis entre a artista Ana Mendieta, em Siluetas Series, e o Pós-Humanismo proposto por Braidotti. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017

HARRINGTON, Raquel Mendieta. Ana Mendieta: Self portrait of a goddess. **Review: Literature and Arts of the Americas**, 22:39, 38-39, 2012.

INGOLD, Tim. **Lines: A brief history.** Routledge: New York, 2007.

MOREIRA, Vânia Medeiros et al. **Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento.** São Paulo: Conspire Edições; Prêmio RUMOS Itaú Cultural (2017-2018), 2019.

PALLAMIN, Vera. Aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, número 15, volume 2, dezembro 2010.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros; VELOSO, Verônica. Ação Cultural e Ação Artística: territórios movediços. In: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v.10, n.2, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: 2018

ZASK, Joëlle. Participer. **Essai sur les formes démocratiques de la participation.** Paris: Éditions Le bord de l'eau, 2011

Recebido em: 22/06/2023

Aceito em: 01/11/2023